

ANO XXX Nº 7 JULHO DE 2013

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale (D.L. 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n.46) art.1, comma 2, b) | Avv. GI.P.A.C./RM/33/2012 | Fax: +39 06 4781111 | www.mariapolis.com

Movimentos
**O espírito do
Pentecostes
está vivo**

Na África
Uma história
de 50 anos

Alemanha
A viagem da
Emmaus e do
Giancarlo

A paixão pela Igreja

A «paixão pela Igreja», de que um dia o Papa falou, inflama os corações dos verdadeiros cristãos. Contudo, deve passar do plano sentimental para o prático, onde o amor pela Igreja inteira, tal como ela é – com as suas instituições, fruto dos numerosos carismas que o Espírito Santo concedeu e concede – requer o conhecimento e este requer um novo amor.

Aquilo que o cristianismo ensina no campo dos relacionamentos entre os indivíduos (amar, conhecer-se, fazer-se um com os outros até ao ponto de se poder comunicar as graças que Deus nos tenha eventualmente concedido) deve ser transferido para o plano social. Isto é, há que conhecer, estimar e amar os outros Movimentos e Obras da Igreja e suscitar e desenvolver entre todos a comunhão recíproca dos bens espirituais.

Nasceria então uma colaboração, realizada pela vontade e pelo coração, e deste modo serviríamos realmente a Igreja que amamos.

Se assim não fizermos, a nossa «paixão pela Igreja» será pura retórica e encontrar-nos-emos fechados e isolados.

Além disso, o nosso amor pelo Papa reduzir-se-ia a um entusiasmo passageiro e a um sentimentalismo, porque não compartilharíamos com ele aquilo que ele ama: a vida de toda a Igreja de Deus.

Chiara



30 de maio de 1998. João Paulo II cumprimenta Chiara depois da sua intervenção na vigília de Pentecostes.

© L'Osservatore Romano

De: CHIARA LUBICH: A paixão pela Igreja in *Saber perder*, Cidade Nova, Abrigada, 1994, p. 42



© Domenico Salmaso

Aprofundamentos

O espírito do Pentecostes

O caminho de comunhão entre os Movimentos e as novas Comunidades eclesiais, iniciado em 1998 com João Paulo II, continua vivo. Um encontro com o Papa Francisco no âmbito do Ano da Fé

Três edições, três Papas, três etapas com a mesma direção: a comunhão entre os Movimentos, uma dádiva para a Igreja universal. As datas de 30 de maio de 1998 com João Paulo II, aquela de 3 de junho de 2006 com Bento XVI, e enfim a última, de 18 de maio de 2013 com o Papa Francisco, já fazem parte de uma história, embora recente, que o Espírito Santo está a escrever nos anais da História da Igreja e não só.

Sim, porque seria muito reduutivo pensar que a vida dos Movimentos, das Associações e das agregações leigas tenha repercussões apenas no âmbito, mesmo que amplo, da Igreja católica. A variedade do empenho, desde o que se realiza no âmbito do diálogo ecuménico, inter-religioso e com a cultura contemporânea, àquele no campo social, dos temas éticos, da formação cultural, demonstra por si só que o horizonte de referência dos Movimentos e das novas Comunidades – até aqueles de outras Igrejas – é o mundo inteiro.

Portanto, já dura 15 anos o percurso iniciado por João Paulo II, que deu a estas realidades uma plena cidadania, a começar

pela afirmação de um princípio, aquele da co-essencialidade, em relação à dimensão institucional e à carismática, que constituía uma prioridade absoluta.

«Muitas vezes – disse João Paulo II na mensagem ao Congresso mundial dos delegados dos Movimentos, que precedeu a vigília de Pentecostes – salientei que na Igreja não existe contraste ou contraposição entre a dimensão institucional e a dimensão carismática, dos quais os Movimentos são uma expressão significativa. Ambas são co-essenciais para a construção divina da Igreja fundada por Jesus, porque juntas contribuem para tornar presente o mistério de Cristo e a sua obra salvífica no mundo».

Para o Papa polaco, o desafio provocado pela «novidade inesperada e às vezes até perturbadora» do nascimento e da difusão dos Movimentos não passava despercebido. «Isso não deixou de suscitar questões, incómodos e tensões. Por vezes trouxe presunções e intemperanças de um lado, e não poucos preconceitos e reservas do outro. Foi um período de prova da fidelidade dos

Movimentos e uma ocasião importante para verificar a genuinidade dos seus carismas», afirmou no discurso pronunciado durante a vigília.

Por isso, não hesitava em afirmar: «Hoje, diante de vós, abre-se uma etapa nova: aquela da maturidade eclesial. Isso não quer dizer que todos os problemas já estejam resolvidos. É, antes, um desafio. Um caminho a ser percorrido. A Igreja espera de vós frutos "maduros" de comunhão e de empenho».

A primavera da Igreja

O discurso pronunciado pelo então Cardeal Ratzinger, na abertura do Congresso mundial, que mencionámos antes, ainda hoje é considerado de uma importância



© L'Osservatore Romano

30 de maio de 1998. A intervenção de Chiara na Praça de São Pedro.

extraordinária. Exortava: «Para mim, pessoalmente, foi um evento maravilhoso a primeira vez – no início dos anos 70 – que entrei em contacto mais direto com Movimentos como os Neocatecumenais, Comunhão e Libertação, os Focolarinos. Experimentei o ímpeto e o entusiasmo com que eles viviam a fé, o que os impulsionava a quererem transmitir aos outros o que tinham recebido como uma graça».

Referindo-se àquilo que teólogos,

como Karl Rahner, tinham definido como o «inverno da Igreja», quando «na realidade parecia que, depois do grande florescimento do Concílio, tivesse entrado o gelo no lugar da primavera, cansaço no lugar de um novo dinamismo», Joseph Ratzinger evidenciou que tinha acontecido «algo que ninguém tinha planeado. O Espírito Santo, por assim dizer, tinha pedido outra vez a palavra. A fé, vivida na sua integridade como uma graça, como um presente precioso que faz viver, reflorescia em homens e mulheres jovens, sem "se" nem "mas", sem subterfúgios nem escapatórias».

O futuro Papa dava uma indicação precisa sobre como deveria ser o relacionamento entre carisma-instituição:

«Aos Movimentos, portanto, é dirigido um alerta: mesmo que no próprio percurso tenham encontrado e participem a outros a totalidade da fé, eles são uma dádiva para toda a Igreja, e devem submeter-se às exigências desta totalidade, para permanecerem fiéis àquilo que é essencial para eles. Mas é preciso que se diga claramente também às igrejas locais, também aos bispos, que não lhes é consentido pretender uma uniformidade absoluta nas organizações

e programações pastorais.

Não podem elevar os próprios projetos pastorais a critérios daquilo que é consentido ao Espírito Santo realizar: diante de projetos meramente humanos pode acontecer que as Igrejas se tornem impenetráveis ao Espírito de Deus, à força com que estes vivem.

Não é lícito pretender que tudo se deva inserir numa determinada organização da unidade. É melhor menos organização e mais Espírito Santo!».

Com Bento XVI

E chegamos a 2006, quando o encontro desejado por Bento XVI é realizado na presença de delegações ecumênicas, com ortodoxos, evangélicos, anglicanos. Havia uma pergunta: de que modo o novo Pontífice continuará o caminho de comunhão dos Movimentos? As dúvidas desapareceram já com a mensagem que o Papa enviou aos participantes do II Congresso mundial que, também desta vez, precedeu o encontro na Praça de São Pedro.

«Digo-vos, portanto, caros amigos dos Movimentos: façam com que estes sejam sempre escola de comunhão», escreve. E numa outra passagem exprime um reconhecimento de grande importância: «Vocês pertencem à estrutura viva da Igreja.

Ela agradece-vos pelo vosso empenho missionário, pela ação formativa que vocês realizam de modo crescente nas famílias cristãs, pela promoção das vocações ao sacerdócio ministerial e à vida consagrada que desenvolvem internamente».

No discurso pronunciado durante a vigília, não hesita em reconhecer algumas características dos Movimentos, «escolas de verdadeira liberdade», capazes de fazer renascer um «entusiasmo missionário», e dá aos 500 mil presentes na Praça uma espécie de mandato: «Caros amigos, peço-vos que sejam, ainda mais, ainda mais, colaboradores no ministério apostólico universal do Papa, abrindo as portas a Cristo. Este é o melhor serviço da Igreja aos homens e, de modo particular, aos pobres, a fim de que a

vida dos indivíduos, numa ordem mais justa na sociedade e numa convivência pacífica entre as nações, encontrem em Cristo a “pedra

angular” sobre a qual possam construir a autêntica civilização, a civilização do amor». Abriram-se grandes horizontes!

As palavras do Papa Francisco

A edição de 2013 foi diferente na sua origem – realizou-se no âmbito do Ano da fé e foi promovida pelo Conselho Pontifício para a



Praça de São Pedro, 18 de maio de 2013. Maria Voce e Giancarlo Faletti (no centro) com alguns responsáveis dos Movimentos.

© Foto Felici

Promoção da Nova Evangelização -, mas inseriu-se no sulco dos outros dois encontros, assinalando uma etapa importante do percurso. Muitas publicações salientaram que é evidente que, para os Movimentos, esta é «a hora da maturidade eclesial», a época em que aqueles «frutos de comunhão e de empenho» desejados por João Paulo II sejam parte integrante do tecido da Igreja na vida quotidiana.

O diálogo entre o Papa e os 200 mil presentes na Praça de São Pedro desta vez realizou-se em forma de quatro perguntas e respostas. Como vencer a fragilidade da fé, o desafio de a comunicar de modo eficaz, de que modo ter uma Igreja pobre e para os pobres, como testemunhar a adesão a Cristo mesmo em lugares em que isto coloca em risco a vida?

As respostas nascem da vida, seja aquela pessoal do Papa Francisco, que não poupa em contar de si, como daquela da Igreja e da sociedade. O Papa alerta para certos perigos: a autorreferencialidade, a super-eficiência, o desencorajamento. Propõe uma cultura da amizade e do encontro que ultrapasse aquela



3 de junho de 2006. Graziella De Luca, portadora da mensagem de Chiara.

da oposição, da fragmentação, da exclusão do mais fraco, convida a «ir ao encontro daqueles que realmente são a carne de Cristo». Sublinha muitas coisas, fala com um tom muitas vezes forte, como quando afirma: «A Igreja deve sair de si mesma. Para onde? Para as periferias existenciais, quaisquer que sejam. Pode acontecer, como acontece com todos aqueles que saem de casa e andam pela rua: um acidente. Mas, eu digo-vos: prefiro mil vezes uma Igreja acidentada que uma Igreja doente por ser fechada. Vão para fora, saiam!».

Numa resposta precedente tinha esclarecido as coisas em relação ao que é mais importante na evangelização: «Jesus. Se nós

vamos avançarmos com a organização, com outras coisas que também são positivas, mas sem Jesus, não vamos para frente, não funciona. Acolham o olhar do Senhor. Isto é mais importante do que qualquer estratégia». A saudação com a qual o Papa Francisco, na oração do *Regina coeli* do domingo, agradece aos Movimentos presentes ressoa mesmo como um incentivo: «Sejam uma dádiva e uma riqueza na Igreja. Levem sempre a força do Evangelho! Não tenham medo. Tenham sempre a alegria e a paixão pela comunhão na Igreja».

Aurora Nicosia

Em conversa direta com o Papa Francisco

Duas ocasiões de encontro pessoal para a Emmaus e o Giancarlo, presentes na praça de São Pedro no encontro do Papa com os Movimentos. A participação na missa matinal em Santa Maria foi mais uma graça inesperada.



«Santo Padre, o Movimento dos Focolares está empenhado em testemunhar um cristianismo corajoso e alegre», Foram as palavras que a Emmaus dirigiu ao Papa ao cumprimentá-lo, juntamente com o Giancarlo, na conclusão do encontro de Pentecostes com os Movimentos, as Associações e as agregações leigas. Foi um encontro importante, no âmbito do Ano da fé e promovido pelo Conselho Pontifício para a Nova Evangelização, que reuniu em Roma, na Praça São Pedro, mais de 200 mil pessoas dos cinco continentes.

Passaram-se 15 anos desde o encontro de Pentecostes de 1998, quando Chiara tinha prometido a João Paulo II que se empenhava *«com todas as forças, para contribuir para a realização da plena comunhão entre os Movimentos, para a unidade deles».*

No sábado, 18 de maio, na Praça de São Pedro *«todos estavam muito felizes – disse a Emmaus, ao Conselho geral da Obra – e quando nos encontrávamos, sentia-se realmente que a unidade pela qual Chiara tinha assegurado ao Papa que iria trabalhar, tinha crescido. Era uma festa encontrar cada um,*

uns alegravam-se pelos outros, participando de tudo».

As respostas que o Papa deu, deixando muitas vezes de lado os textos preparados, para falar diretamente ao coração dos presentes, referiam-se de modo particular ao testemunho dos cristãos. «*Creio que só na comunhão vivida entre Movimentos e associações – disse a Emmaus – e com todas as realidades da Igreja seja possível, hoje, testemunhar e mostrar Jesus àqueles que O procuram e O ignoram, ou que nunca ouviram falar Dele. É preciso uma coragem nova para se pôr à disposição dos últimos da nossa sociedade. Recebemos a forte confirmação de que a característica essencial da Igreja hoje é a comunhão: eis então o empenho em viver mais e melhor o específico do nosso Movimento. A comunhão requer a prática do amor recíproco entre os cristãos. É Jesus entre nós que, em vez de ficar fechado nas igrejas, deve sair e ir ao encontro dos homens».*

E, se o fim de semana, foi uma graça muito especial – a Emmaus e o Giancarlo puderam também cumprimentar o D. Fisichella e o Cardeal Rylko e ambos expressaram a sua gratidão pelo que o Movimento realiza –, uma surpresa inesperada foi a possibilidade de participar na terça-feira seguinte na missa presidida pelo Papa, na Casa Santa Marta, onde reside até agora.

O Giancarlo concelebrou a missa com ele, e depois no fim, juntamente com a Emmaus, saudaram-no mais uma vez. «*Santo Padre – a Emmaus referiu-se ao Conselho geral e às palavras ditas ao Papa – gostaríamos antes de mais de lhe assegurar as nossas orações. Depois queria dizer-lhe que todo o Movimento dos Focolares está grato pelas suas*



18 de maio de 2013. O Papa Francisco saúda a Emmaus e o Giancarlo na conclusão da vigília de Pentecostes.

palavras, pelo que está a fazer, e quer mesmo viver à letra o que nos propõe, em particular o ir para fora, ir ao encontro das pessoas para que as pessoas possam encontrar Cristo».

«*Sim! É isto que se deve fazer. A cultura do encontro»*, respondeu o Papa. E Giancarlo: «*Santidade, estamos empenhados também no diálogo em zonas que são descristianizadas, sendo um testemunho de evangelização também nestes lugares»*. E o Papa respondeu: «*é assim que se deve fazer: permanecer em contato e dialogar. Falar com amizade»*.

No fim destes dias, o desejo, ou melhor, o empenho pessoal da Emmaus foi este: «*Como presidente desejo fazer a minha parte para que em todo o Movimento exista a consciência de que não vamos para a frente se não descobirmos este relacionamento direto com Jesus, que deve estar antes de qualquer outra coisa; um relacionamento de cada um com Jesus e de todos juntos, para que Ele entre nós caminhe na nossa história e na história do mundo»*.

Tiziana Nicastro

Uma longa história 50 anos

Em 1963 a espiritualidade da unidade chegou ao Continente africano. Um encontro que continua a dar sempre frutos novos



© Mária Gonçalves X3

A 19 de maio de 2013, na Mariápolis Piero, a Cidadela dos focolarinos no Quênia, houve uma explosão de cores, sons, danças e alegria para festejar o 50º aniversário da chegada da espiritualidade da unidade em terra africana. Uma jornada inserida numa série de celebrações que se vão realizar no continente e que já iniciaram no passado mês de fevereiro em Shisong, onde os primeiros focolarinos chegaram a 12 de fevereiro de 1963.

Além das comunidades do Movimento de todo o Quênia, foi muito significativa a presença dos mais de 400 voluntários de Deus, de todas as áreas geográficas do sul

do Sahara, que estavam a concluir o seu congresso pan-africano.

«Foi uma presença sintomática, porque aqui representamos os membros do movimento de todo o continente», disseram.

Entre os primeiros convidados a chegar ao local, estava o núncio apostólico no Quênia, D.Charles Daniel Balva. Presente também o *chefe* do local, Mr. Chege. Uma jornada, esta, para celebrar o encontro de um carisma com vários povos do continente que o acolheram e viveram. Depois, um olhar para os inícios, através de vídeo-gravações de uma entrevista a Lucio dal Soglio, um dos primeiros a chegar a Fontem, transportou os presentes para o longínquo momento quando Chiara convidou os primeiros focolarinos e focolarinas a socorrer algumas pessoas necessitadas de quase tudo.

«Uma história de amor de Deus para um povo inteiro, não sempre fácil, sobretudo nos inícios, mas que, ao longo destes anos deu muitos frutos». «O amor vence realmente tudo: doenças, mortes, guerras, indiferença entre raças, pobreza», comentavam os presentes. Era comovente reconhecer entre eles alguns entre estes focolarinos e focola-

rinas. O aplauso para exprimir a gratidão pela sua fidelidade e pelo seu amor concreto era inexprimível.

Um olhar para hoje: o Movimento está presente em todo o continente, encontrando nestes anos, por todo o lado, o apoio paterno dos Bispos, enquanto uma colaboração com as Igrejas locais a todos os níveis tem acompanhado a maturação dos seus membros: jovens e adultos estão inseridos nos conselhos paroquiais, na pastoral familiar, etc.

Os membros estão empenhados em levar a vida evangélica às realidades sociais em vários âmbitos: educação, economia, administração pública, saúde, e a fileira de experiências contadas demonstrou a todos que a luz do Ideal da unidade está a impregnar pouco a pouco, mas decididamente, a sociedade africana.

«Verifico que as experiências do Evangelho vivido, que renova toda a vida e a sociedade à nossa volta, é a nossa força, até nos desafios mais graves do nosso tempo: conflitos, corrupção, instabilidade», disse um dos intervenientes.

Na conclusão, fez-se a celebração eucarística de agradecimento, celebrada pelo Núncio com vários sacerdotes. «Damos graças a Deus pelos 50 anos de vida do Movimento em África», afirmou. Foi muito significativa a liturgia do dia: a Igreja Católica celebra o Pentecostes.

Na sua homilia, o Núncio retomou o aspecto da multiplicidade das línguas, uma realidade vivida na sala, como testemunham por exemplo os cantos da Missa em muitas línguas. «Chiara teve esta grande visão: a unidade da família humana. A festa de Pentecostes é também a festa da missão: depois de ter mandado o Espírito Santo, Jesus pediu aos seus discípulos para irem por todo o mundo pregar e fazer de todos uma única família. Chiara fez tudo isto: rompendo todas

as barreiras possíveis de língua, de raça, entre ricos e pobres.

Celebrando estes 50 anos, devemos recordar-nos que temos uma missão, e é aquela de difundir o amor de Deus por todo o lado”.

Lily Mugombozi

MARIÁPOLIS

Está também online!

www.focolare.org/notiziariomariapoli

ID e password actual: *notiziariomariapoli*

Entre os últimos inserimentos, o **Especial sobre a viagem da Emmaus e do Giancarlo à Alemanha**, e outras interessantes *news* para seguir a vida do Movimento no mundo.



Assinalamos também o novo endereço da redação:

Via Frascati, 336 - tel. 06 94798 311

Idealismo e pragmatismo



Um balanço da primeira parte da viagem à Alemanha da Emmaus e do Giancarlo



33 encontros em 12 dias: eis o balanço numérico da primeira parte da viagem da Emmaus e do Giancarlo à Alemanha.

A visita às quatro zonas alemãs deveria ter tido início a partir do nordeste. O convite do Papa Francisco aos Movimentos – de se encontrarem com ele na Praça de São Pedro, no Pentecostes – provocou uma mudança de programa: iniciou-se pela zona Este da Alemanha, que corresponde à ex – RDA, a zona assinalada pelas maiores feridas do socialismo e da secularização.

No Centro Mariápolis, situado na pequena localidade de Zwochau, perto de Leipzig realizaram-se os vários encontros com a «família de Chiara», com os sacerdotes internos, com adolescentes e jovens, com os focolarinos e as focolarinas. Em Berlim, a Emmaus visitou o Núncio apostólico e participou numa manifestação pública na

Academia Católica sobre o tema do «diálogo da vida».

Também na zona da Alemanha nordeste, a atenção foi posta sobre os encontros com os «nossos» evangélicos e com algumas pessoas que alguma vez fizeram parte do movimento. Durante uma visita a Aquisgrano veio em especial relevo a figura do bispo Klaus Hemmerle.

O verdadeiro balanço da viagem da Emmaus e do Giancarlo será feito com os Delegados da Obra, no fim da segunda etapa da viagem a Ottmaring (23 maio – 3 junho).

Mas já é possível individualizar alguns aspectos.

Pouco antes de regressar a Itália, a Emmaus falou de «idealismo» e de «pragmatismo». Com o termo «idealismo» descreveu o que captou na zona da Alemanha Este: «Mesmo se esta zona, sobretudo inicialmente, recebeu a vida do Ideal a partir do Ocidente, agora tornou-se origem de muita vida». Sem dúvida que esta impressão é fruto da atmosfera de família encontrada ali, muito cordial, que se caracteriza por relacionamentos imediatos.

As pessoas – por causa também do *background* histórico da RDA – são mestras em criatividade de vida, com uma grande capacidade de improvisação para saber enfrentar positivamente as situações, enquanto as estruturas e as formas organizadas têm um papel secundário.

A vida que irradia completa-se, na zona da Alemanha nordeste, com uma vida que se encarna. É neste sentido que se deve entender o termo «pragmatismo», com que a Emmaus caracterizou esta zona: «tenho a impressão de



encontrar aqui uma construção completa em que não falta nada, dos alicerces ao telhado e até às flores nas janelas». A Obra aqui está bem desenvolvida mesmo se – como a definiram os delegados – “cheia de questões”, devido às mudanças sociais e eclesiais a que está sujeito também o Movimento.

Até agora foi possível individualizar pelo menos quatro linhas principais que, não obstante as diversidades regionais, a Emmaus e o Giancarlo

sublinharam:

- O Movimento dos Focolares encontra-se em todo o mundo numa fase de uma nova orientação. Os desenvolvimentos e os novos desafios nos vários campos do diálogo são para se adaptar aos números não crescentes dos focolarinos e focolarinas.

A Presidente não se cansa de sublinhar que a Obra se deve desenvolver em linha com o seu «fim específico», para o qual nasceu: contribuir para o «*Ut omnes*». E encoraja continuamente o Movimento a abrir-se, a lançar-se para fora.

- Com a mesma firmeza, a Emmaus volta a chamar a atenção sobre a «cultura da confiança»: para ela, cada pessoa que encontrou o Ideal tem uma vocação à unidade e tem a capacidade e está apto a empenhar-se por ela – até, e sobretudo, «o que chegou por último». Confiança significa também permitir ao outro cometer erros, mas não deixá-lo só.

- Dar confiança. É este o

terceiro pensamento sobre o qual Emmaus volta sempre – e que significa ver o outro como portador de uma riqueza particular. Eis a postura fundamental com que nos deveríamos aproximar de cada pessoa: confiar no facto de que essa pessoa tem para me dar, para me oferecer qualquer coisa de bom, de grande e precioso. E criar a oportunidade, a atmosfera e o espaço para que o outro se sinta com a disposição de se oferecer a si mesmo e as próprias capacidades. Ali, onde este modo de se dar se torna recíproco, há espaço para a presença de Deus.

- Uma comunhão caracterizada pela confiança e pela dádiva recíproca «*cria a família*». A Emmaus gostaria que o Movimento não se apresentasse como uma organização ou uma equipa *operativa*, mas sim como uma família, onde cada um se pode realizar e desenvolver, em que cada um possa sentir-se bem aceite e sentir-se em casa.

Para tudo isto é necessário, sem dúvida, muito «idealismo» e «pragmatismo» e quem sabe que outras características a Emmaus ainda vai descobrir na segunda parte da sua viagem à Alemanha.

Joachim Schwind

Para mais notícias, etapa por etapa,
ver o Especial no site de Mariápolis:
www.focolare.org/notiziariomariapoli

Username e password: *notiziariomariapoli*





© M. Egman



Visita à primeira Cidadela Em Loppiano Faz-se equipa

Nos três primeiros dias da sua permanência em Loppiano, a Emmaus e o Giancarlo encontraram-se com as várias Escolas da Cidadela, algumas separadamente, outras em conjunto. Veio em evidência em todas a chamada comum, para além das vocações individuais, a manter viva aquela presença de Jesus no meio que tem como destino inevitável a abertura para o “*Ut omnes*” (que todos sejam um). O mundo unido, que aqui é tangível pela convivência de pessoas de muitas nacionalidades, é um laboratório que transforma.

Todos os que deixam Loppiano, depois de um período mais ou menos longo, levam consigo a bagagem de uma experiência autêntica de fraternidade. Sentem que a sua alma se alargou de modo a conter a Obra inteira. Têm nos olhos os confins do mundo. Aqui convive a dimensão local com a nacional e internacional. Pode-se intuir o desafio que implica a “gestão” de uma realidade tão complexa, ma percebe-se também a beleza do trabalho em equipa, que foi salientada no encontro da Emmaus e do Giancarlo com o conselho da Cidadela. Os vários responsáveis fazem uma referência breve a um trajeto iniciado há alguns anos e que, pouco a pouco, levou os

No fim de abril, a Emmaus e o Giancarlo encontraram-se com as várias escolas de formação e o conselho da Cidadela. Notaram-se os frutos de uma dedicação crescente em viver uns pelos outros.

vários elementos a procurar oportunidades cada vez mais frequentes de viver como um único corpo.

A começar pelos encarregados dos vários ‘aspectos’ que – além de trabalharem em sinergia entre eles – estão ao serviço de todas as realidades da Cidadela. Pensa-se juntos, programa-se juntos e, a partir dali, observam-se os pormenores. Isso evita a sobreposição de tarefas e favorece uma concentração das forças, segundo o que eles contam.

A Emmaus concordou e sublinhou que é mesmo verdade que os vários aspectos «*garantem a unidade na dimensão do serviço. De facto, ninguém une tanto como quem está ao serviço*».

A Emmaus chama a atenção de todos para alguns pontos importantes. Aos gen 2 - que a põem ao corrente do trabalho de preparação para o próximo encontro com os

jovens no 1 de maio, que desenvolveram em colaboração com representantes das várias zonas de Itália - sugere que não se limitem à dimensão italiana, mas garantam sempre a dimensão internacional, porque em Loppiano «*todos se devem sentir representados*».

As experiências de confiança na providência, contadas pelos voluntários, sugerem-lhe uma reflexão: *“Nós pedimos a providência e está certo, mas só o podemos fazer se vivermos como o Evangelho diz. É melhor ser um pouco mais pobres do que um pouco mais ricos, temos que nos organizar para adotar um estilo de vida que se torne comunhão, sensibilidade às necessidades dos outros, liberdade das coisas”*.

E depois fala com o coração, agradecendo o testemunho de uma vida que encarna a Obra hoje e partilhando algumas dúvidas que lhe surgem de vez em quando. Interroga-se se, por exemplo, algumas das suas afirmações como: *‘trabalhar em equipa’, ‘pirâmide invertida’, ‘tornar as estruturas mais leves’*, foram mesmo compreendidas de uma forma correta, ou se só ficaram como *slogans*, sem encontrar concretização dentro da Obra.

E afirmou: *«Sabemos que, no início, havia uma família à volta de Chiara, sem distinções, ramificações, movimentos... Depois, sob o olhar de Chiara, que corrigiu, retificou, orientou, criou-se uma família diferenciada, mas não dividida. Agora nós temos que entrar naquele projeto mais recente, que Chiara indicou quando disse ‘sejam uma família’. Não se trata*

de voltar atrás, mas de retomar a vida de família, estando mais crescidos: cada um não depende dos outros, mas é uma dádiva para os outros”.

E sobre as estruturas: *“Tornar as estruturas mais leves não significa que estas coisas já não têm utilidade. Se não existissem, a água do Ideal não teria canais por onde correr. As estruturas tornam-se mais leves se estiverem ao serviço. De outra forma, tornam-se uma gaiola”*.

Por fim, ofereceu a leitura de uma página de Chiara, depois do seu encontro com as zonas do México e da América central, em outubro de 1982, onde ficou expressa, com a força típica da fundadora, uma indicação: *“reavivar o corpo místico, a comunidade”*. Passagens muito definidas que levaram a Emmaus a dizer: *«As ideias de que falamos agora já estavam em Chiara. É por isso que nós as descobrimos, porque estão no nosso DNA. Isto dá alegria, porque nos sentimos enraizados na fonte, apesar de reconhecermos que, depois de tantos anos, nós ainda não realizámos aquilo que ela nos tinha dito»*. Mas nada de receios, só se o pode fazer se formos protagonistas, responsáveis de *«responder a Deus e construir a família de Chiara, para mostrar à humanidade aquele “assim na Terra como no Céu”»*.

Aurora Nicosia

Ver também:

www.focolare.org/notiziariomariapoli



Meta: mundo unido

Um ano de Genfest

1 de maio de 2012 – 1 de maio de 2013



© G. P. Filisetti

Um ano de renovado entusiasmo, um ano de grande ímpeto para difundir com mais ardor entre amigos e coetâneos – através de contactos pessoais, actividades e momentos de encontro com a comunidade – o Ideal do mundo unido.

Foi este o balanço do ano do décimo Genfest – que se fechou exactamente no passado 1 de maio – que teve uma relevância sobre sites e sobre a *social network* de mais de um milhão de impressões, só pela última etapa do «Ser pontes», em Jerusalém.

Transcorreram apenas 365 dias desde o Meeting do dia 1 de maio, em Loppiano – com 2500 jovens, em streaming mundial em mais 150 cidades do mundo, pela fraternidade universal – quando os jovens marcaram encontro em Budapeste, de 31 de agosto a 2 de setembro, para a nova edição do Genfest com o título «Let's bridge!».

Daquele ponto de escuta foi lançado

um projecto - o United World Project –: um novo modo, para os tempos actuais, de viver as palavras de Chiara «*a história da humanidade não é senão um lento, mas imparável caminho em direção à fraternidade universal*». Um projecto desde sempre sonhado pelos jovens, que os levou a difundir cada vez mais as palavras de Chiara. Fizeram-no de formas originais, novas, que concentrassem num único grande contendor o Ideal do mundo unido: das micro acções pessoais, às macro iniciativas como aquelas organizadas para os sem-abrigo nos Estados Unidos ou a jornada na Jordânia para os jovens refugiados na Síria.

Tudo faz mover a fraternidade, quando é a própria diversidade a unir e não a dividir. E cantaram-no, disseram-no e testemunharam-no nos dias de Budapeste, na praça de São Estêvão e na Ponte das Discórdias, que separa as duas cidades húngaras, através de uma marcha com jovens de 104 Países de 27 línguas. E ainda permanecem sinais visíveis e duradouros na praça Elisabetta, onde se inaugurou o «*Ângulo da fraternidade universal*», um espaço nascido com a intenção de «*construir pontes com todos*».

Pelo mesmo motivo, os Jovens para um Mundo Unido escolheram a Terra Santa, no dia 1 de maio de 2013, para o encerramento do ano do Genfest e para inaugurar a Semana Mundo Unido. Nos lugares de Jesus, símbolo frequente de divisões passadas e presentes, 250 jovens de 25 países deram vida ao «*Be the bridge*» (ser a ponte). Nenhuma distinção entre os que tinham vindo de fora e os que eram do local, para que o encontro fosse recíproco e alargasse os corações reciprocamente. No dia 1 de maio, em ligação mundial com Bombaim, Budapeste e Loppiano, os jovens quiseram traçar os planos para este ano, fazendo o ponto da situação sobre o United World Project, que vai avançando com a colaboração de jovens, adultos e

adolescentes, capazes de tecer uma *network* viva de pessoas empenhadas em viver a «Regra de ouro». Até agora recolheram-se mais de 52 mil assinaturas e já existem 700 fragmentos de fraternidade monitorizados, mas não vamos ficar por aqui.

Esta pista deu vigor a muitas actividades que se realizaram nestes dias da Semana Mundo Unido: momentos de oração, como na Guatemala, onde 60 jovens se reuniram para tecer uma ponte ideal com Jerusalém, iniciativas de encontro entre cristãos, muçulmanos e de convicções não religiosas na cidadela dos Focolares em Arny, na França, ou na Nigéria, com 1000 participantes no primeiro Genfest nacional.

E ainda acções, das mais variadas, em Burkina Faso – onde alguns jovens se reuniram num hospital para levar bens de primeira necessidade aos doentes com Sida: «se eles – comentou uma rapariga - que têm este sofrimento podem sentir-se perto de Deus, também eu aceito o desafio de estar mais próxima de Deus».

Cada vez mais se nota, nos rostos destes jovens e no seu empenho, uma maior cons-



Costa do Marfim. Lou Mathieu Bamba, secretário da Comissão nacional Unesco assina o seu compromisso em viver a “Regra de ouro”.

ciência em amar concretamente o aspeto de abandono de Jesus no quotidiano, da realidade local. Sem reticências, mas lançando-se com o ardor que vem do ideal, que por sua vez faz nascer neles uma sempre renovada sede de Deus, de espiritualidade, como fruto de uma vida mais intensa por um mundo unido. Que não se esgota porque cria pontes. Que não volta para trás porque é já um sinal dos tempos.

Mariagrazia Baroni



Casais de voluntários em congresso

«O outro: um tesouro»

Viver a vida de casal como um chamamento, dá frutos para a família e para a sociedade.

Desde o primeiro encontro para casais de voluntários de Deus, que se realizou em fevereiro de 1999 e uma vez que Chiara queria que estes encontros se repetissem, foram realizados mais quatro. O último teve lugar de 2 a 5 de maio passado. Cada um tinha uma meta bem definida. O deste ano, preparado em conjunto com os responsáveis de Famílias Novas, focalizou o valor do «chamamento» à vida de casal. Darci Rodrigues e Gusti Oggenfuss transmitiram-nos as saudações e a mensagem da Emmaus: «Vós, os casados, tendes “uma graça adicional” para viver com Jesus no meio na família e para “semear” por toda a parte a Sua presença na humanidade». Os casais presentes em Castelgandolfo eram 452, de 27 Países e 15 línguas. Foram estes os temas propostos pelos especialistas: diálogo no casal, sexualidade, visão económica do Ideal, educação e ética familiar. As experiências foram muito fortes, particularmente precisas

as dos pais de Chiara Luce, Maria Teresa e Ruggero Badano, ambos voluntários, e de Annamaria e Danilo Zanzucchi, com passagens da vida deles com Foco e da unidade entre Chiara e Foco.

Na conclusão, um momento solene: durante a Missa, celebrada por Marco Tecilla, todos os casais se reconsecraram a Deus, renovando com emoção as promessas matrimoniais, com uma bênção especial para cada um. Uma resposta da Emmaus ao Movimento Paroquial e Diocesano marcou o encontro: «*Ser Maria que dá Jesus à humanidade*». Nestes dias, a vocação dos voluntários casados iluminou-se,



A partir da esquerda: Gianfranco e Maria Ghislandi, Paolo e Claudia Mottironi.

como expressaram na conclusão Anna e Alberto Friso, delegados do Movimento Famílias Novas: «O encontro pôs em relevo os voluntários de Deus como autênticos construtores da revolução do amor, quer no campo familiar quer no campo social».

Centro das Voluntárias e dos Voluntários



No centro, Okti e Zsoka, da Hungria.

Uma experiência

O casal, um tesouro para a sociedade

A experiência de Zsoka e Okti, da Hungria, foi um dos contributos do encontro

Okti: Estamos casados há 24 anos e temos cinco filhos. Ambos fomos gen e somos voluntários há mais de 20 anos.

Somos professores de Biologia e Química e damos aulas numa região próxima de Budapeste. Como em muitos outros países, também nas escolas da Hungria há muitas exigências, por isso viver o Ideal da unidade abertos à sociedade levou-nos a aceitar diversos encargos, às vezes de grande responsabilidade.

Um trabalho muito importante que, recentemente, senti que devia aceitar foi presidir a duas comissões governamentais para a mudança da política da educação no nosso País. Muitos dos participantes eram contra as mudanças propostas, pelo que foi fundamental viver continuamente a «cultura do diálogo». Em muitas ocasiões procurei estar atento às exigências dos outros, ouvindo as suas sugestões, falando com amor e paciência, pronto a perder as minhas ideias.

Mas, várias vezes, foi necessário dar a entender aos meus interlocutores que, das soluções por eles propostas, poderiam derivar problemas e dificuldades.

Zsoka: Vivemos durante vários anos numa casa muito pequena num bairro bastante pobre de Budapeste. Há 11 anos

recebemos uma oferta maravilhosa: um pedaço de terra na terra natal do meu pai, e assim conseguimos construir uma casa numa pequena aldeia nos arredores de Budapeste. A partir daquele momento foi natural a nossa inserção nas realidades da paróquia: fazíamos as leituras da Missa, os nossos filhos frequentavam a catequese, orientávamos cursos de noivos.

Okti: No que dizia respeito à vida civil, Zsoka participou, durante quatro anos, na Comissão da cultura do Município. Organizou exposições, concertos e festas. Muitas vezes, também os nossos filhos participaram nestes eventos tocando música, cantando e recitando.

Desde há algum tempo fazemos parte da Associação «Famílias numerosas» da nossa cidade. Temos de, em primeira pessoa, participar na resolução de situações difíceis, como quando tive de demitir a Presidente da Associação, dado que os outros membros não estavam satisfeitos com ela. Foram momentos difíceis! Rezei e pedi a Deus para que esta mãe de família, sem perfil para as tarefas que lhe foram confiadas, não se sentisse ofendida. O amor que procurei colocar nas minhas palavras chegou a tocar o seu coração,

-> segue



pelo que, serenamente e apesar das lágrimas, aceitou deixar o cargo.

Zoska: Também os nossos filhos participam na vida da comunidade. Berci, que é um bom músico, muitas vezes dá o seu contributo em vários eventos. Também Boldi, o segundo, organiza campos de férias e seminários para os mais pequenos.

Mas como é possível fazer tudo isto sem prejudicar de algum modo a nossa vida de família? Viver deste modo requer sacrifícios, tempo, forças, e um treino contínuo em reconhecer Jesus Abandonado em todas as dificuldades. No entanto, esquecermo-nos de nós próprios para amar o irmão foi o que aprendemos, durante todos estes anos, ao viver a espiritualidade de Chiara.

De facto, muitas vezes para trabalharmos fora e ter em mira o «*Ut omnes*» foi preciso dedicar menos tempo à nossa família, mas ajudámo-nos reciprocamente, de modo a que não faltasse nada à nossa relação e aos nossos filhos. Muitas vezes basta olharmo-nos nos olhos para perceber se tomar uma iniciativa ou assumir uma tarefa é a vontade de Deus.



Maria e Paolo com Annamaria e Danilo Zanzucchi.



Movimento paroquial e diocesano

Comunicar a vida

Congresso internacional dos empenhados paroquiais e diocesanos, chamados a levar o Ideal da unidade «fora das fronteiras»

Um encontro anual, sim, mas não um encontro como é costume. «*Jesus no meio com 700 pessoas, todas juntas. Que maravilha! É uma potência!*». Foi com estas palavras que a Emmaus iniciou a hora que, com o Giancarlo, e com os 700 empenhados do Movimento Paroquial e do Movimento Diocesano viveram juntos, no seu congresso em Castel Gandolfo, no final de abril.

Dois dos Movimentos ao largo «*que levam o Ideal às multidões, que levam o Ideal até aos confins*». As respostas da Emmaus e do Giancarlo às nove perguntas foram sem dúvida o momento alto do encontro. Os Movimentos Paroquial e Diocesano têm a característica específica de mostrar a Igreja-comunhão «*que*

só Maria pode fazer ver», a tarefa de levar «esta experiência de Maria, que vive hoje na Igreja», disse a Emmaus. Uma hora com temas que são importantes não só para os dois Movimentos ao largo mas para toda a Obra, disse o Giancarlo no final.

Sentia-se também a sintonia entre o Papa Francisco e a Obra hoje: «Um conjunto eclesiológico», exclamou um dos participantes. «Uma Igreja segundo o Concílio», que D. Gianfranco De Luca, Bispo de Éfeso, na Diocese de Termoli-Larino, apresentou. Agradeceu em nome de todos o carisma de Chiara, que nos faz viver a Igreja conciliar, que nos faz «ser Maria nas paróquias para gerar Jesus e dá-Lo à humanidade».

Uma característica do encontro foi a grande vontade de comunicar a vida. Começou-se por mergulhar na Obra hoje, seguindo-se muitas experiências relacionadas com as várias intervenções, como a vocação do empenhado, a vida dos diálogos, o empenho de construir «fragmentos de fraternidade». Os empenhados aproveitaram a oportunidade para partilhar a sua vida. O P. Hubertus Blaumeiser e o P. Tonino Gandolfo, que estiveram presentes para comunicar a nova era da sementeira do Ideal dos sacerdotes nas paróquias e nas dioceses (ver *Mariápolis* n. 3 /2013) ficaram muito tocados com a força de vida que encontraram no diálogo com a sala.

«Experimentei uma grande abertura, um grande fôlego que nos leva a viver o amor uns pelo outros. Isto dá-me asas e, juntamente convosco, continuo a viver por este Ideal maravilhoso que nos preenche a vida. Quero levar Jesus no meio a todo o lado» - esta foi a experiência de um dos participantes, mas foi experimentada por todos - «juntos somos uma força».

*P. Klaus Hofstetter, Sameiro Freitas,
Marco Bartolomei*





Papa Tawadros II em Roma e em Milão

O abraço às comunidades copto-ortodoxas

No dia 9 de maio, o Patriarca recém-eleito encontrou-se com o Papa Francisco.

Milão, 14 de maio de 2013, uma data que muitos coptas ortodoxos se vão lembrar durante muito tempo. Houve muita emoção no encontro com o Papa Tawadros II. A grande sala do mosteiro Anba Shenouda estava superlotada de famílias, jovens e menos jovens provenientes da principal cidade da Lombardia e da grande zona de Turim. Centenas de fiéis coptas reunidos para receber e estar com Sua Santidade, que chegou a Milão depois do encontro, que todos definiram como histórico, com o Papa Francisco.

Foram muitos os motivos que consideraram excepcional este acontecimento: foi a primeira viagem do Egito ao estrangeiro de Tawadros II, nomeado chefe da Igreja ortodoxa há poucos meses,

e também o primeiro encontro oficial com o chefe de uma das Igrejas irmãs. A decisão de reunir-se com o Papa católico aconteceu 40 anos depois da última visita de Sua Santidade Shenouda III ao então Papa Paulo VI. Revelou-se histórico e fecundo o encontro com o Papa Francisco, com o qual Tawadros II iniciou um profundo diálogo de fraternidade, convidando o Pontífice de Roma a visitar o Egito, no sentido de continuar e intensificar as relações entre as duas Igrejas e dar um novo e forte impulso à unidade.

Propôs o dia 10 de maio para recordar o dia da amizade entre coptas e católicos. Nesta passagem por Milão, o Papa Tawadros saudou um por um os muitos presentes na sala, com uma palavra e um pequeno presente para cada um.

Um encontro precioso também para a nossa família, ecumênica na sua própria composição, porque eu sou copto-ortodoxo, a minha mulher é católica e os nossos três filhos foram batizados na igreja copto-ortodoxa.

O convite a «dar» ecoou, na nossa família, como um convite a dar espaço à Igreja do outro, para fazer amadurecer o encontro com Deus, em cada um de nós e dos nossos filhos, para além de cada diferença.

Por outro lado, experimentamos dia após dia que as nossas diferenças humanas e espirituais só podem ser preenchidas com um amor maior, que se constrói em Cristo e que nos leva ao sobrenatural, fazendo-nos encontrar sempre caminhos novos, tendo em vista a unidade.

Hani Sabet



Desde já há alguns anos que Social-One tem focado a sua atenção e os seus estudos sobre o tema da *Ágape*, questão que se mostra atual em certas correntes da sociologia e, ao mesmo tempo, está no centro do pensamento e da doutrina de Chiara.

Neste contexto, já em 2008 tínhamos procurado Axel Honneth, professor na Universidade de Frankfurt e diretor do Instituto de Pesquisa Social daquela cidade, filósofo e sociólogo de renome internacional. Nesse ano, ele concedeu-nos uma entrevista que foi um momento de profundo diálogo com o pequeno grupo Social-One, que se deslocou de propósito a Frankfurt para estar com ele.

Um diálogo, poderíamos dizer, a partir de lados opostos, dada a enorme diferença entre as nossas categorias e a dele. Foi e ainda é um diálogo bem sucedido, que progride no respeito e na compreensão mútuos. Seguidamente, Gennaro Iorio, que dá aulas de sociologia na universidade de Salerno, propôs que o Prof. Honneth fosse distinguido com o doutoramento *honoris causa* em Sociologia. Simultaneamente à atribuição do doutoramento, realizou-se um seminário intitulado: «A crítica ao capitalismo globalizado», que



Inundações

Nova etapa do caminho de *Social-One*

O caminho da Inundação da Sociologia – *Social-One* – viveu, no dia 6 de maio, uma etapa importante na moderna e acolhedora Universidade de Salerno

teve também como orador o Prof. Honneth, para além de outras importantes personalidades do mundo académico. O seminário foi um momento de grande importância cultural e científica, com um debate muito participado e com muito interesse. Num contexto similar, o tema desenvolvido por Gennaro Iorio: «Restabelecer a ligação: para uma crítica ao capitalismo global» - que falou com clareza do amor-*ágape*, quer como possível categoria sociológica quer como instrumento para vencer muitas das dificuldades que o atual momento histórico nos apresenta. O resultado foi que o conceito de '*ágape*' entrou no centro do debate académico.

O diálogo que se lhe seguiu, de considerável importância, foi muito construtivo e abriu novas pistas de trabalho e colaboração.

Caterina Mulatero

Obras Sociais da América do Sul Solidariedade em rede

Na Mariápolis Lia o 1º encontro dos coordenadores de projetos promovidos pelo Movimento dos Focolares

Nos primeiros dias de março, no Seminário para coordenadores das obras sociais promovidas pelo Movimento dos Focolares na Zona Sul da América Latina, participaram 27 pessoas provenientes da Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai e mais três convidados do Brasil.

Na abertura do evento promovido pelo Centro «Sumá Fraternidad» – nascido precisamente para facilitar a elaboração de projectos e a recolha de fundos – foi evidenciada a importância de que estas ações estejam o mais possível ligadas entre elas, para uma maior incidência do carisma nas transformações do tecido social.

O programa prosseguiu com uma sessão dedicada ao aprofundamento do documento sobre organizações sociais, o seu papel e o contributo que dão ao Estado e ao mundo empresarial, tocando por fim o tema da sustentabilidade das organizações no tempo.

A tarde do primeiro dia concluiu-se com a experiência do p. Vilson Groh, sacerdote diocesano de Florianópolis (Brasil), que comunicou o seu empenho e a sua paixão pela transformação social a favor dos mais débeis. Terminou sublinhando a importância do contributo que o Movimento pode dar neste campo e sublinhou a figura de Jesus na cruz, a dor e o abandono como fundamento do nosso trabalho: sofrer

com quem sofre para procurar juntos uma resposta.

No segundo dia trabalhou-se sobre a abordagem de diversas problemáticas, de modo a definir com maior clareza quais os projectos privilegiar e quais os objetivos a focar em cada projecto.

Juan Esteban Belderrain, director da «Fundação Porticus» para os Hispano-americanos, partilhou a sua experiência de apoiar diversas obras sociais neste território. Assinalou depois a importância de individualizar os lugares em que as nossas



comunidades sofrem mais para concentrar ali as nossas forças. As interconexões, o trabalho em rede entre as obras sociais que partilham a mesma espiritualidade são de relevo importante – disse – não só para unir as forças, mas também para identificar, juntos, um sinal comum em todas estas ações.

Foram dias importantes para potencializar os projetos ao serviço do nosso continente.

Delia Pairetti, Norberto Cartechini

Sacerdotes Surpreendidos pela vida

35 sacerdotes da África central encontram-se em Fontem

Provenientes de quatro zonas - Fontem, Douala, Nigéria e Congo - 35 sacerdotes internos e externos da Obra encontraram-se de 22 a 26 de abril no Centro Mariápolis de Fontem, para o seu retiro anual.

Retiros idênticos tiveram lugar nos primeiros meses de 2013 no Burkina Faso, para as regiões do Oeste da África, e no Burundi, para as regiões do Leste da África. Foram fruto da Escola panafricana do ano de 2011, na qual participaram 110 sacerdotes da África subsariana. As três Cidades - Nairobi, Man e Fontem - estão, assim, a ter um papel relevante também na vida dos sacerdotes em África.

No retiro de Fontem estiveram presentes Hubertus e Tonino, como sinal de comunhão com o Centro da Obra. Podemos dizer que os dias do encontro foram caracterizados pela "surpresa", a partir do momento das apresentações: quase todos os sacerdotes presentes conheciam o Ideal desde há 20-30 anos, embora este facto - também por causa das grandes distâncias geográficas - na maioria dos casos, não se concretizou ainda numa vida de unidade e na integração na Obra. Surpreendente foi também o que resultou da unidade construída, apesar do pouco tempo vivido em conjunto: a criação de quinze "grupos de aprofundamento" regionais, nos quais os participantes se empenham, e pretendem envolver



também outros que não estiveram presentes, num programa de dois anos de formação da vida de unidade, através de encontros mensais dos grupos e sugestões de meditação pessoal diária. E, nesta luz, a descoberta para muitos de que a vida da Obra não está separada do empenho nas dioceses, mas está ao serviço da Igreja.

A inserção, espontânea e vital, do encontro no coração da Cidadela pôs em relevo a beleza do "sentir-se Obra"! E trouxe uma descoberta do sentido de "Centro de espiritualidade", que de modo análogo aos já realizados na Cidadela de Nairobi e de Man, poderá adquirir cada vez mais relevo como lugar de formação e de irradiação, ao serviço das regiões circundantes.

«Um verdadeiro Pentecostes», «um retiro poderoso que nos lança a levar o Ideal a todos», «passar do receber ao dar é a resposta para: o que devemos fazer?» Ecos muitos breves de um momento que sentimos de fundação!

p. Hubertus Blaumeiser - p. Tonino Gandolfo



Rep. Democrática do Congo Novo impulso às comunidades

O ano de 2013 iniciou com um grande presente para a zona do Congo: a visita de Gisela e Augusto, conselheiros da Emmaus.

Com eles demos uma volta pela zona em quatro etapas: Kinshasa, Kikwit, Goma e Lubumbashi. Por todo o lado foi grande a alegria de partilhar a vida que nasce da espiritualidade da unidade, não só com os membros daquela cidade mas também com muitos que vieram dos países vizinhos.

Esta visita deu um novo impulso às comunidades. Foi impressionante a comunhão das

experiências de vida, mas também dos bens materiais: os automóveis colocados à disposição para os vários programas, a gasolina, as refeições preparadas, as garrafas de água, mas

também os talentos para fazer a decoração das salas de cada encontro e para as festas conclusivas em cada cidade... Todos se empenharam em renovar o amor fraterno e também em melhorar os relacionamentos para que possa crescer a fraternidade universal.

No encontro com o Conselho de Zona em Kinshasa pudemos assistir ao prodígio que a Obra de Maria realiza quando tudo parte da unidade. Os testemunhos de vida sobre os diálogos e sobre os vários mundos de Humanidade Nova dão a certeza de que um mundo unido, mais fraterno, é possível. Disseram Augusto e Gisela: «A República Democrática do Congo tem diversos desafios



a enfrentar, mas aquilo que vimos nas diversas comunidades é já um sinal, uma resposta a muitos destes problemas».

Em Kinshasa viveu-se um momento de profunda comunhão com os focolarinos e focolarinas. Em Lubumbashi, onde há só o Focolar feminino, a unidade entre as focolarinas e os focolarinos casados é uma garantia de que tudo é feito segundo a luz do carisma.

Em Kikwit e em Goma há duas famílias Focolar congoleesas, que se transferiram de outros pontos da República Democrática do Congo, a pedido da Obra, para servir de ponto de referência da unidade para a comunidade. Por todo o lado existem membros empenhados que fazem avançar a Obra com responsabilidade e dedicação, felizes por poderem ajudar Chiara e o plano de Deus sobre esta zona.

Aga Kahambu, Paulo Melo



Indonésia Uma jornada para Famílias

Em Medan, três gerações juntas

«Que alegria ver famílias sãs e esplêndidas! Quero pôr em prática na vida da minha família o que ouvi hoje». Esta foi uma das impressões recolhidas em Medan (ilha de Sumatra) no dia 14 abril, depois de uma jornada dedicada às famílias. Estavam presentes 115 pessoas, entre as quais algumas famílias ajudadas com adopções à distância, 22 jovens e diversas crianças. A presença das três gerações fez ver a verdadeira fisionomia da



família. «Perdoar o irmão», foi o tema escolhido para a jornada, entrelaçado com muitas experiências concretas de Teresa e Adrian Tan, focolarinos casados de Johor (Malásia). Surgiram muitas perguntas: foi uma ocasião para aprofundar mais e ver que é possível perdoar-se e amar incondicionalmente.

«Este encontro – comentava alguém – foi muito especial. Tocou-me a experiência da gen3 sobre como procura perdoar e ser a primeira a amar os seus pais que estão separados, sem nunca desistir». «Percebi também que as famílias dos outros países têm dificuldades como nós – confienciava um participante -. Até agora vim aos encontros só trazer a minha mulher e os meus filhos, mas de hoje em diante quero participar verdadeiramente».

Muitas das nossas famílias contaram experiências sobre perdão entre o casal, entre filhos, pais, sogros. A jornada foi fruto do trabalho em equipa de famílias, gen, voluntários e focolarinos. Tangível a alegria, expressa também com cânticos, skits e jogos. Mais uma vez experimentámos que, se há Jesus no meio, tudo é bonito e possível!

Vanna Lai, Caloy Adan



Em Pesaro Jovens e o futuro

**Cidadãos responsáveis
e construtores de fraternidade**

Da economia ao desporto, dos relacionamentos interpessoais ao divertimento responsável, do uso dos meios de comunicação à política. Foram estes os temas do encontro «Responsáveis HOJE do futuro».

Um encontro promovido pelos gen, pelos Jovens para um mundo unido e pelos jovens do Movimento diocesano das Marche e da Emilia Romana. O encontro, que se realizou em Pescara a 11 e 12 de maio, viu protagonistas 350 adolescentes e jovens dos 14 aos 30 anos. Mediante *workshop*, momentos de diálogo e sobretudo confronto, os jovens procuraram compreender juntos como ser cidadãos responsáveis e construtores de fraternidade.

Entre os relatores, todos profissionais do sector de interesse, estava também Francesco Châtel que, na tarde de sábado, guiou os trabalhos e apresentou o tema central «responsáveis para consigo mesmos, os outros, o mundo».

A iniciativa das Marche foi pensada como uma das etapas sucessivas ao Genfest, exactamente para dar aos jovens a possibilidade de um percurso contínuo ao longo do ano: por isso os jovens aproveitaram a ocasião do encontro para apresentar a todos o United World Project, o projeto lançado no passado setembro em Budapeste.

Voltando para casa, uma gen comentou: «estamos cansados, mas estamos satisfeitos, fomos realmente protagonistas nestes dias».

Tiziana Nicastro

Transcrevemos os telegramas da Emmaus relativos aos três últimos focolarinos que partiram para a Mariápolis celeste

Irma Panontin

«*Só Tu tens palavras de vida eterna*»

No dia 15 de abril, Irma, focolarina da zona de Trento, partiu para o Céu aos 91 anos de idade. Conheceu o Ideal em 1952 e quatro anos depois, conquistada pela vida de Chiara, entrou em focolar participando com generosidade no desenvolvimento da Obra em Milão, Turim e Trieste. Em 1967 trabalhou para o Centro Santa Chiara, que tinha acabado de nascer e, durante algum tempo, fez parte do focolar do Centro de Estudos com a Marisa Cerini. Nos anos '70 esteve nos focolares de Palermo e Catânia e mais tarde novamente em Milão. Nesta altura, começou para ela um período difícil devido a problemas de saúde, que não lhe permitiam viver permanentemente no focolar.

Foi sempre cada vez mais viva nela a luz da profunda descoberta de Maria Desolada. Em 1962, escreveu a Chiara: «Agradecer-te por nos teres feito descobrir, deste modo, Maria, nutrindo-nos dela, é muito pouco. À luz deste maravilhoso aspeto da Desolada iluminam-se na alma os momentos de escuridão, de indiferença, de cansaço! Àqueles “porquê?” gritados em certos momentos, a Desolada dá todas as respostas e a alma recompõe-se... É Ela que nos coloca no “porro unum” (o essencial), naquilo que conta realmente e que permite revivê-la. Neste novo aspeto, Maria é o “doce plano inclinado” para Jesus Abandonado».

Por razões de ordem familiar e sobretudo por causa da doença da sua irmã, em 1984, teve de transferir-se para a sua terra natal, na zona de Treviso. Quando lhe era possível, participava nos encontros de focolar e nos retiros. A sua presença

era um tesouro de fidelidade e maturidade, o seu testemunho era uma «escola de vida», fruto do «sim» sempre renovado a Jesus Abandonado, na adesão plena à vontade de Deus. Ao mesmo tempo, para Irma, o focolar era alimento, fonte que jorra Vida, Tabor, oxigénio espiritual.

Durante vários anos conseguiu também participar nos retiros anuais no Centro e a relação direta com Chiara era uma fonte de graça contínua. Em 1988, referindo-se à Palavra de vida que ela lhe tinha dado, escreveu: «Também eu re-

pito: “Só Tu tens palavras de vida eterna” (Jo. 6,68). É verdade, o Paraíso existe porque o experimento aqui; se as tempestades da vida tentam destruir o que amo, espero, acredito, basta uma tua Palavra para que a serenidade ressurgja e a alma nade num mar de paz».

Com a morte da irmã, em 2009 começou para Irma uma fase em que a saúde foi sempre piorando cada vez mais. As focolarinas estiveram diariamente a

seu lado, de várias maneiras, e ela comunicava-lhes a sua relação especial com Maria: «...É Ela que toma conta de mim e me ajuda a realizar aquela realidade de amor: “Sou toda tua”».

Sábado, dia 13 de abril, na casa onde morava, fez-se festa para celebrar o seu aniversário. Apesar de muitíssimo debilitada e com dificuldade em se exprimir, estava muito contente e sorria, feliz!

Poucas horas antes de partir para o Céu, viveu um intenso momento de Jesus no meio com uma focolarina casada, enquanto rezavam o Terço com cânticos dos primeiros tempos do Ideal. Pensamos que Maria, que ela tanto amou, a terá acompanhado ao encontro com o Esposo.



Ezio Bernardoni

No último lugar, por amor



No dia 19 de abril chegou à Mariápolis Celeste, depois de uma doença prolongada, o Ezio, focolarino casado.

Tinha 91 anos e era natural de Trieste. Ultimamente vivia em Grosseto (zona de Florença).

O encontro com o Movimento, em 1956, e a participação na Mariápolis de 1958, em Fiera di Primiero, transformaram a sua vida.

O Ezio aderiu ao Ideal com toda a alma procurando semear “às mãos cheias”, nos seus relacionamentos de trabalho, aquela alegria e serenidade que vêm da descoberta de Deus-Amor, do sentir-se amado por Ele.

Consciente da riqueza da espiritualidade da unidade, soube comunicá-la também ao seu redor e muitos foram os que, através dele, escolheram o caminho do amor, seguindo Jesus.

A este propósito, Giuseppe Garagnani, focolarino de Roma escreveu: «Em 1959, o Ezio, levou-me à Mariápolis, a Fiera di Primiero, e daquele encontro nasceu a primeira comunidade de Bolonha. Encontrávamo-nos regularmente, com os focolarinos, na sua casa. O seu testemunho foi determinante para o nascimento de muitas vocações na Obra, a começar por mim».

Era casado com Irma e tiveram dois filhos: Paolo e Ignazio. Em 1965 tornou-se focolarino casado e em 1985, depois de ter confiado a Chiara o período difícil que estava a viver devido à sua saúde e à grave doença da esposa, recebeu esta resposta: «Jesus confia em ti, uma vez que te pede tanto. De facto tu, como verdadeiro “popo”, consegues sublimar a tua grande dor, oferecê-la pela Obra, pela Igreja e pela unidade. É assim que se responde ao amor de Deus e se constrói a sua Obra!».

A sua principal característica foi colocar-se sempre no último lugar, por amor. Uma atitude que o levava a uma caridade sem limites para quem quer que fosse, servindo e desejando dar alegria aos outros.

Viveu a maior parte da sua vida em Roma. Era

agente comercial e, por causa do trabalho, foi transferido muitas vezes.

Desde que se reformou, para estar perto de um dos filhos, mudou-se primeiro para a Áustria e depois para Grosseto onde, apesar do seu estado de saúde e da distância do focolar, o Ezio viveu sempre por toda a Obra. Em Agosto de 2009, escreveu-me: «Tudo isto para te dizer que podes contar comigo... e para te comunicar a minha perene unidade a toda a Obra de Maria». E pensamos que também agora, do Paraíso, continuará a manter esta promessa de perene unidade.

O Ezio partiu serenamente acompanhado pelos seus familiares, pelo seu focolar e pela comunidade local, que, revezando-se, esteve sempre junto dele até ao fim. Foi sempre fiel à palavra de vida que Chiara lhe tinha dado: «Nisto se manifesta a glória de meu Pai: que deis muito fruto e vos comporteis como meus discípulos» (Jo 15,8).

Augustin «Renato» Kemdjo

A sua foi uma das primeiras famílias-focolar da África



No dia 27 de maio, às 10 horas, o nosso Augustin, focolarino casado de Douala, partiu para o Paraíso, acompanhado pelo amor dos seus familiares e por Jesus no meio com os focolarinos da casa verde «Villa Emilio» e por muitos da Mariápolis romana, que estiveram ao seu lado neste último período. Encontrava-se, de facto, desde há alguns meses na Villa Emilio, tendo vindo dos Camarões para se submeter a tratamentos médicos específicos.

Nasceu nos Camarões em 1953 (Mbalmayo), e em 1976 casou-se com Jeanne (Amata), também ela focolarina, e têm duas

filhas e três filhos, um dos quais, Domenico, está atualmente na Escola de formação de Loppiano. São uma das primeiras famílias-focolar de África. Na juventude, Augustin tinha pensado em consagrar-se a Deus como monge de vida contemplativa, mas não pôde realizar esse sonho. Já casado, conheceu o Ideal e para ele foi a «grande oportunidade» de poder dar toda a sua vida a Deus. Depois de conhecer mais profundamente o Movimento, pediu para ser um focolarino casado. Em 1990, pouco depois de Renata Borlone ter partido para o Céu, ele prometeu a Chiara que seria fiel ao Ideal «até ao fim, como a Renata». Em resposta, Chiara deu-lhe um nome novo: «Renato». A sua Palavra de vida é: «De tudo sou capaz naquele que me dá força» (Fil 4,13).

Em 1992, quando Chiara foi a Nairobi, ele escreveu-lhe: «Quero confirmar-te, sem hesitações, que o Ideal é “a via” para o nosso continente. A tua vinda a África trouxe-nos o Paraíso». Alguns dias depois, na inauguração da Mariápolis Piero, Chiara quis que ele e Amata colocassem uma medalhinha nos alicerces daquela que viria a ser a Escola das Famílias.

Em 2011, foi-lhe diagnosticado um tumor e por dois períodos seguidos teve oportunidade de viver na Villa Emilio.

Para ele foi um período de luz que o preparou para o seu encontro com Jesus. A este propósito escreveu: «Percebi que Deus me permitiu fazer a experiência de viver num focolar, aqui no Centro. Isto fez com que verdadeiramente me desapegasse de tudo: da minha família, do meu trabalho... para mergulhar na vida de focolar. Para mim foi uma escola, porque me fez descobrir novas realidades do nosso grande Ideal».

Rezemos por Augustin e confiemos-lhe as famílias-focolar, pedindo muitas graças para o seu Congresso, que começou no dia 30 de maio e pelo qual ele tinha, repetidamente, assegurado oferecer tudo.

Da zona Luminosa (EUA) Claire Zanzucchi comunica a «partida» de três voluntárias, «frutos maduros da espiritualidade de Chiara»



Agatha O'Donnell

Uma vida generosa

As suas duas filhas são focolarinas: Nancy está agora na Cidadela Luminosa e Yvonne é casada e vive em New Jersey.

Como enfermeira-chefe, Agatha teve papéis de responsabilidade nos serviços de cardiologia, mantendo-se atualizada, mesmo depois de reformada. Conheceu o Ideal através da Nancy. Na sua primeira Mariápolis, em 1970, encontrou em Jesus Abandonado a resposta para um período particularmente difícil e percebeu que podia recomeçar a amar.

Teve um papel muito ativo nos trabalhos de construção da Cidadela Luminosa, onde em 1990 encontrou Chiara, por ocasião da sua visita. Estando reformada, os seus recursos eram muito poucos, mas dava sempre o supérfluo, num saquinho. Rezava muitas vezes ao Espírito Santo para a ajudar «a não dizer palavras inúteis». Com 80 anos aprendeu a usar o computador para comunicar por e-mail.

Tinha muito no coração os necessitados e os jovens. Em 2001 escreveu a Chiara para comunicar a sua alegria pela graça do Ideal e o empenho em ser um instrumento de unidade na comunidade de reformados, onde vivia na altura. Em resposta, Chiara deu-lhe «como amiga especial» Fiore Ungaro, uma focolarina já no Céu, para a ajudar a viver a sua Palavra de Vida: «Ninguém vos poderá tirar a vossa alegria» (Jo. 16,22).

Agatha, deixou-nos no dia 1 de Dezembro de 2012, com 96 anos de idade.



Maria Helena Ferreira

Amar com estilo

Em Maryland, nos Estados Unidos, Maria Helena concluiu serenamente a sua «santa viagem» no dia 14 de fevereiro, com 64 anos de idade. Nasceu em Belo Horizonte, no Brasil, onde, ainda muito nova, conheceu o Ideal. «Amar a Deus e o próximo com generosidade» tornou-se o objetivo da sua vida enquanto gen e, mais tarde, como voluntária. Chiara confirmou-lhe o nome de «Maria» e deu-lhe uma Palavra de Vida: «Já não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim» (Gal 2,20).

Criou uma relação muito profunda com uma família dos Estados Unidos que trabalhava no Brasil, a ponto de aceitar o convite de ir viver para os EUA e tornar-se sua filha adotiva.

Antes de partir, pediu a Jesus que houvesse lá uma comunidade do focolar, e não muito

depois, pessoas do Movimento, de Washington, foram visitá-la e Maria Helena inseriu-se com facilidade. Encontrou uma casa para si e um trabalho, do qual gostava muito, como responsável de uma cantina. Com um gosto refinado decorava os ambientes, colocava plantas e flores, apresentava as ementas e acolhia as pessoas.

Realçava a importância de se vestir de modo impecável mesmo estando em casa – e tinha graça, estilo e um toque de vivacidade – porque «vestimo-nos para Jesus».

Muitas vezes, se era elogiada, oferecia a peça de roupa que vestia, dizendo: «Se gostas, fico muito contente por te a dar».

Quando, em 2009, perdeu a saúde, Maria Helena dizia muitas vezes que experimentava de modo mais forte o amor de Deus: «Agora, quando Jesus Abandonado não está presente na minha vida, falta-me qualquer coisa».

Vizinhos, amigos, membros da comunidade e da paróquia, acompanharam-na com orações e ajuda concreta.

Grace Roesler

A força da unidade

Grace, voluntária de Nova York, no início dos anos '90, foi atraída pela alegria e pela paz que as pessoas do focolar irradiavam e ia muitas vezes à Cidadela Luminosa para ajudar sempre que era necessário.

Um divórcio difícil fê-la sofrer muito, assim como aos seus quatro filhos. Naquele período distanciou-se de muitas pessoas e também do focolar.

Há cerca de dois anos, graves problemas de saúde, fizeram com que Grace desse uma reviravolta na sua vida espiritual. Pôs-se em



contacto com o núcleo, onde encontrou sempre um forte apoio para enfrentar a última parte da sua «santa viagem» e quem a conheceu viu quanto o seu «sim» a transformou. As voluntárias e as focolarinas estiveram sempre ao seu lado e a unidade foi o seu suporte até ao fim, ocorrido no dia 6 de fevereiro, com 68 anos de idade. A filha

Melissa disse: «A mãe deixou-nos um grande tesouro: o focolar...».

Recebemos uma mensagem da Emmaus «Estou convosco principalmente durante o funeral, momento sagrado de unidade entre Céu e Terra, agradecendo a Deus pela dádiva que a Grace foi para a sua família e para a Obra».



p. Gianni Cobianchi

«Amei a Igreja»

Nascido na província de Piacenza (zona de Bolonha), o P. Gianni dizia que a sua vocação amadureceu no jardim de infância. Sacerdote desde 1950, foi missionário no Brasil e, por um curto período, na Colômbia. De regresso a Itália, em 1978, conheceu o Ideal e desde então foi fiel e generoso no amor à Obra, empenhando-se como sacerdote voluntário. Não conduzia, não usava computador, não tinha telemóvel, mas este alheamento às técnicas do mundo mediático virtual, tornaram-no mais próximo do mundo real, das pessoas, com a sua afabilidade doce e forte. Não se conseguia fazê-lo ficar quieto, estava sempre disponível: para as constantes deslocações na paróquia usava o único instrumento que lhe restava, a bicicleta. O pároco com quem habitou nos últimos anos recorda-o assim: «Um padre e um homem extraordinário. Uma prova viva de que a perfeição do amor é a verdadeira medida da personalidade. A sua vida foi um testemunho de santidade e de integridade. Bom sacerdote, exemplar, sábio e gentil, mas também determinado e forte de espírito. No p. Gianni vimos uma vida transformada pelo Amor de Deus. Viveu sem presunção a tensão à santidade, dia após dia, próximo dos mais necessitados...». Deixou-nos aos 85 anos. No seu funeral, concelebrado pelo seu Bispo e 70 sacerdotes, na igreja superlotada de Fiorenzuola d'Arda, estavam várias pessoas sem uma convicção religiosa. O seu testamento foi: «Acreditei no Amor, amei todos, amei a Igreja, com as suas luzes e as suas sombras».

Franco Monaco

Margaret Taku

Um fruto amadurecido em Fontem



A partida para o Paraíso de Margaret, uma das nossas voluntárias que agora está no cemitério da Cidadela de Fontem, foi um momento forte, vivido por toda a cidadela.

Há cerca de um ano foi-lhe diagnosticada uma doença terminal que ela aceitou e viveu serenamente e com coragem, graças também à unidade dos membros da Obra que a apoiaram, juntamente com os seus familiares e muita gente da comunidade paroquial. Um dia disse: «Desejei sempre morrer como uma santa. Se este é o caminho para a santidade, então estou pronta». No dia de Natal de 2012, como era seu desejo, chegou ao paraíso. O seu marido e filhos, com alguns membros da Obra, reuniram-se à volta dela para rezar o terço e, enquanto cantavam o Magnificat, Margaret partiu, lenta e docemente. Graças à presença constante dos nossos, que se alternavam a seu lado, a atmosfera de dor transformou-se em agradecimento pelo seu renascimento para o Céu. Com alguns dos seus filhos, gen2 e gen3, fizeram-se os preparativos para o funeral. A providência chegou a tempo para cobrir as necessidades urgentes.

Antes de morrer, Margaret escreveu muitas cartas aos vários grupos da paróquia, com os quais tinha colaborado. Escreveu também às voluntárias e aos membros do Movimento. Estas cartas foram lidas depois da Missa das exéquias, na igreja cheia de gente. No final, reencontrámo-nos no Centro Mariápolis com todos os que participaram. Quando partiram, iam tocados na alma pela atmosfera de paz e de Céu que tinham encontrado. O marido de Margaret não deixa de repetir: «Com a doença da minha mulher percebi e vi a herança de Chiara Lubich posta em prática».

Doris Ronacher

Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: **Fausto, pai de Stefano Fontolan**, focolarino em Loppiano; **Concetta, mãe de Maria Rita Cerimele**, focolarina em Nápoles; **Anna, mãe de Pali Nagy**, focolarino na Hungria; **Flora, mãe de Maria Flora Angulo**, focolarina em S. Sebastian (Madrid); **Gennaro, pai de Giovanna Innacolo**, focolarina na Catania; **Chuck, pai de Diane Gregory**, focolarina na Cidadela Luminosa (EUA); **Miguel Angel, o pai de Silvana Jorge**, focolarina no Paraná (Rosario - Argentina); **Ivonei José, o irmão de Luzia (Mariam) Tosi**, focolarina em São Paulo; **Raul, pai de Vira Linares**, focolarina casada na Cidadela El Diamante (México);

Raquel, mãe de Gladis Giudicatti, focolarina no Uruguai; **Lucia, mãe de Salvatore Morales**, focolarino em Palermo; **Edna, mãe de Dorinha Luna**, focolarina no Recife (Brasil); **Iris, mãe de Walter (Cefa) Hoby**, focolarino em Montet; **Remedios, mãe de Maria Flora (Marla) Fisco e Maria Antonia**, irmã de Lilù Mac Dowell focolarinas na Mariápolis romana; **Joseph Kubwayo, pai de Liberate (Libe) Ngendakuriyo**, focolarina no Burkina Faso; **a mãe de Cristiane (Diletta) Ganda Ribeiro**, focolarina em Lopiano; **John, irmão de Chris Lyell e de Keith Linard**, focolarinos casados em Melbourne. **O irmão de Maria Teresa e de M. Alice Guimarães**, focolarinas respectivamente no Rio de Janeiro e na Mariápolis Ginetta (Brasil).

Congresso das Gen 4

11 - 12 de maio de 2013

Participaram 52 gen4, de todo o país e vieram 3 gen4 dos Açores. O programa concentrou-se no amor ao irmão, com o título: "Jesus está em cada pessoa". Havia uma canção com gestos, que as ajudou a perceberem a quem devem amar.

No primeiro dia aprofundámos a vida de Chiara e das suas companheiras e convidámos os habitantes da Cidadela a ir às "casinhas": famílias, focolarinas, focolarinos e gen2, contar-lhes como procuram amar sempre.

À tarde fez-se o grande jogo: "uma cidade invadida pelo amor". Depois foi o festival da Sabedoria com teatrinhos sobre a vida de Jesus. No domingo a Teresa veio responder às perguntas, muito concretas e atuais. Foi um momento muito profundo. Uma gen4 que perdeu um colega da escola por causa de um acidente perguntou se a Teresa tinha alguma experiência semelhante. Ela contou-lhe do

Eduardo, com algumas fotografias. As gen4 ficaram muito tocadas e muitas foram ter com a Teresa para lhe contar várias situações de sofrimento na família ou na escola.

Houve uma grande ajuda por parte de muitas gen, aderentes e voluntárias, que lhes fizeram uma malinha e ajudaram a preparar os vários trajes para os teatrinhos.

Algumas impressões:

Clara (5 anos): Depois do Congresso, contou à avó: "Aprendi que Jesus está na mãe, nos meus colegas, nas minhas irmãs". E a avó perguntou: "E Jesus também está na avó?" e ela respondeu "Sim, Jesus está em cada um".

Beatriz e Laura (gémeas de 6 anos): – da mãe – 3 dias depois ainda contam coisas do congresso. Vê-se que foram dias cheios de aventuras! Ontem a Beatriz disse: "Mãe, gosto muito de ti, mas gostei muito de ir ao congresso".

Mariglória



MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXX • Julho de 2013 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 997** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º, nº1a).

Últimas do congresso dos Gen 4

Os ecos que temos recebido são fantásticos. Muitos pais comentaram que os filhos, como nunca, falaram do que fizeram, cheios de entusiasmo, contando os atos de amor, “procurando Jesus” – que era o tema do congresso, com especial incidência no Jesus que se encontra no próximo “... **Tudo o que fizerdes a um destes irmãos é a mim que o fazeis**”.

Temos a certeza que foi mesmo marcante para a vida de cada Jesus presente naqueles meninos. Pode-se dizer que os pequeninos, nos seus jogos e brincadeiras, podem descobrir a beleza e plenitude de Deus.

Tocou-nos particularmente o que nos contou o Vitor Nunes e a Andreia, sobre o “fenômeno” que viram nos filhos e que nos pareceu terá acontecido também a outros. A certo momento disseram que o filho “... *percebeu que Jesus está também nos pais e nos irmãos. Percebeu que cá em*



casa não é só o filho ou o irmão, mas que é um Gen 4 que pode amar.”

Durante toda a preparação para mim o mais importante foi acreditar que Maria, Mãe dos Gen 4, não os deixaria.

Diversas pessoas da comunidade de S. João da Madeira fizeram seus os gen 4 e o seu congresso. Os meus quatro colegas de trabalho ajudaram e ‘fabricaram’ inúmeras bolas de papel e fita adesiva, para muitos jogos e colaboraram no livro que foi distribuído aos Gen 4, com atividades, canções e orações, para levarem para casa.

Obrigado por tudo e a todos.

João Paulo Amorim

